

**JUVENTUDES E IDENTIDADES:  
PRÁTICAS CULTURAIS DE JOVENS URBANOS DE TERESINA  
NA CONSTRUÇÃO DE SUAS IDENTIDADES**

**Maria do Carmo Alves do Bomfim  
Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa  
Emanoelly Cristina Vieira  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

Este texto apresenta parte da pesquisa que investiga as práticas culturais de jovens urbanos de Teresina, engajados em “Movimentos Alternativos”, especificamente grupos do Movimento Hip Hop (Vida “P” e M “P 3”) e da Pastoral da Juventude, durando um ano (julho de 2005 a agosto de 2006). Esses movimentos são entendidos, aqui, como articulações de jovens urbanos e/ou rurais, organizados em rede, que agem com ações próprias nas sociedades onde se situam, buscando construir processos de identidades juvenis por meio de formas de sociabilidades nas quais eles (jovens) buscam autonomia em relação aos adultos de sua família, da escola, do Estado e de instituições tradicionais, ou seja, eles são os protagonistas de suas ações. É um estudo que dá continuidade à investigação anterior “Juventudes e Violências: trabalhando necessidades, angústias, desejos e expectativas de jovens frente à família que pertencem, à escola que existe, às (im)possibilidades de trabalho e à violência que os rodeia”.

Baseando-se em estudos de Peralva (1997), Sposito (1997; 2003), Diógenes (1998), Damasceno; Matos e Vasconcelos (2001), Matos (2001), Abramovay (2002), Bomfim *et al* (2004), Melucci (2005), Dayrel (2005) e outros, perseguiu os seguintes objetivos: Geral: Compreender como as práticas culturais de jovens integrantes de “Movimentos Alternativos”, de Teresina, são constitutivas de suas identidades. Específicos: a) Mapear esses movimentos quanto à sua denominação, ao ano de criação, à metodologia de ação, às relações e embates internos e externos, às suas criações; b) Captar os destinatários de suas necessidades, de suas angústias, de seus desejos e suas criações; c) Identificar como as diversas práticas culturais dos grupos estudados contribuem para a construção da identidade dos jovens que delas participam. Pela sua natureza de buscar entender a construção de processos sociais, esta investigação caracteriza-se como qualitativa, tipo estudo de caso. Conforme Melucci (2005), trabalha associando dados objetivos e subjetivos, significando com isso que nas falas dos sujeitos e nos registros dos documentos (dados objetivos), há significados que não são exclusivos do pesquisador que interpreta (significa e ressignifica), mas também dos

próprios atores sociais pesquisados que dão sentido à sua realidade. Além disso, os agentes (no caso, jovens dos “Movimentos Alternativos”) e episódios observados, em jogo relacional, interagem com o pesquisador externo não apenas fornecendo dados para ele, mas, também, interferindo na sua prática de observação e de escuta. Os atores sociais se movem, falam, pensam, agem junto com o pesquisador externo participando da produção do conhecimento. Dessa forma, sujeitos ou “objetos” da pesquisa estão em relação com as/os pesquisadoras/es), pelo menos quando estão em relação com eles.

As análises, à luz das referências teóricas mencionadas, tiveram como base depoimentos de jovens que integram esses movimentos, obtidos através de contatos pessoais, entrevistas, participação das pesquisadoras em atividades dos próprios grupos juvenis investigados, além de consulta a documentos específicos deles. Paralelo a estas atividades, foram realizadas leituras para discussão de textos pertinentes às temáticas em estudo pela orientadora e bolsistas, participação em eventos científicos com abordagens sobre práticas juvenis, organização e sistematização das informações coletadas e elaboração do relatório final.

Constituem parte deste trabalho uma caracterização da população juvenil da cidade de Teresina, um breve perfil dos jovens dos “Movimentos Alternativos” estudados e considerações finais.

### **Teresina: espaço de sociabilidades juvenis para viver ou para morrer**

Teresina, capital do Piauí, que em 16 de agosto de 2006 completou 154 anos, é um espaço urbano onde seus atores sociais produzem realidades diferenciadas e muito desiguais. Como em outras capitais de estados brasileiros, seus segmentos sociais, no jogo de relações em que predominam os interesses das camadas mais favorecidas, constroem acentuadas desigualdades sociais, nas quais os jovens pobres são os mais prejudicados.

Parte dos jovens de classe média alta e rica (rapazes e moças) costuma se agregar em ações de “rachas”, isto é, fazem de algumas grandes avenidas, em diferentes áreas da capital piauiense, quase que diariamente depois da meia noite, pistas de corrida onde experimentam o deslizamento dos pneus de carros que dirigem em alta velocidade para se deleitarem com o zoar dos pneus no asfalto, em outras palavras fazem o que no senso comum denominam “cavalo de pau”.

Quanto aos jovens da classe média baixa, muitos se agregam em ações buscando espaços de comunicação e de diversão próprios, a fim de fugirem do controle familiar e da sociedade em geral, por meio de ações de lazer. Assim, realizam festas “Raves”, que

são espaços onde se divertem livremente e, segundo depoimento de uma ex-frequentedora, tais festas “possibilitam liberação de tensões e enfrentamento de casos de depressão, há muita alegria com risadas descontraídas, animadas por um som forte (tam, tam, tam....) e música estridente, rolando muita droga, sobretudo o crack”.

No caso dos jovens das periferias urbanas, parte deles, ainda a minoria, opta pela fuga da família e/ou da escola que não lhes oferecem uma base afetiva, econômica e social para construir um sentimento de auto-estima significativa e lidarem com os conflitos neles vivenciados e, ainda, sem encontrar respostas para suas incertezas e vulnerabilidades, inserem-se em “Movimentos Alternativos” (Pastoral da Juventude, Hip Hop, Metaleiros, Funk, dentre outros, nos quais desenvolvem atividades desportivas, artísticas, excursões, dias de estudo, “batalhas”, ações de capacitação profissional, articulações para busca de emprego junto a ONGs, Associações e Entidades Empresariais.

No que tange à maioria, esta é obrigada a permanecer em situações de vulnerabilidades, sobrevivendo com baixa estima, sendo em consequência empurrados a trilharem caminhos que impedem a construção de sua dignidade humana pela prática de ações violentas (roubo, furto, assaltos, homicídios), sobretudo aqueles integrantes de gangues que fazem do espaço do bairro “território demarcado”, isto é, jovens de outra gangue, até de bairro vizinho, não pode pisar no espaço daquele “território”, sendo este motivo de muita rivalidade e até de homicídios praticados por jovens contra jovens, além de prisões e torturas por parte da polícia. Prática que parece caracterizar-se como banal no cotidiano de muitos bairros, onde existem gangues, situação que, segundo um dos coordenadores do Grupo M “P 3”, estão localizadas em torno de 40 áreas de Teresina, dentre bairros, vilas e favelas<sup>1</sup>.

### **Jovens teresinenses**

Quem são os jovens teresinenses, como é possível caracterizá-los?

Para construir uma configuração desse segmento social, servimo-nos de estudos de autoras/es brasileiras/os, que, em análises mais recentes, preferem definir a fase em que se encontram os jovens não mais no singular, mas no plural, por ser uma construção histórica complexa e múltipla, daí o conceito **juventudes** (UNESCO/Brasil, 2004: 24). Tal conceito exige dos vários olhares, ou seja, perspectivas múltiplas, a fim de seja entendida a complexidade da vida dos atores sociais nessa categoria social. Neste sentido, as discussões se direcionam apoiando-se não apenas na dimensão biológica, mas também em outras dimensões: demográficas, psicológicas, sociológicas, políticas,

culturais e antropológicas. Enfim, afirmam os teóricos: os jovens, hoje, na América Latina e no Brasil constituem-se num segmento por demais heterogêneo.

Não sendo diferente daqueles jovens de outros estados brasileiros e da América Latina, em seu conjunto, os jovens teresinenses revelam vivências marcadas por uma forte heterogeneidade, pois distribuem-se em vários grupamentos sociais. Situam-se em termos de idade, entre 12/13 a 25/29 anos; em termos sociais inserem-se em vários grupos desenvolvendo as mais diversas atividades, com objetivos de criar uma nova cultura juvenil na esferas da amizade, do lazer, da qualificação profissional, da religiosidade, da política para todos os seus integrantes e, principalmente, para jovens oriundos de gangues, quando conseguem “tirá-los” dessa relação.

Os jovens da classe média e rica agregam-se em grupos de orientação empreendedorística a (SIFE), não como economia solidária, mas numa perspectiva empresarial capitalista, grupos religiosos, em organizadores de festas “Raves” e grupos de “rachas”. Há outros jovens que não se agrupam em nenhum desses e que são chamados, por parte de parte desses grupos citados como “mauricinhos”, no caso de rapazes, e “patricinhas” as moças.

### **Perfil dos jovens pesquisados**

Quanto aos jovens pesquisados, estes compõem um grupo de 07 (sete) sujeitos, sendo 05 (cinco) integrantes do Movimento Hip Hop – Vida “P” (04) e M “P 3” (01) - e 02 (dois) da Pastoral da Juventude, número muito reduzido. Situação explicada pela dificuldade de realização dos encontros combinados entre suas lideranças e as pesquisadoras, presumindo-se ser isto em razão da natureza do vínculo voluntário das lideranças com os grupos nos quais se inserem e, ainda, pela forma militante assumida que não obedece a uma disciplina, que é a participação em atividades diversificadas, simultaneamente.

No âmbito das atividades desenvolvidas, estão inseridos em diversas formas de sociabilidades:

a) os do Movimento Hip Hop objetivam difundir suas práticas (de dança, de composição de música), bem como motivar e “tirar” jovens de gangues para participarem de suas práticas de lazer (break, cineperiferia, programa de rádio com participação “ao vivo” de pessoas da periferia); grupos de conversas de rua e de suas próprias casas através de diálogo; de qualificação profissional com uso de estação digital e de cursos de mecânica; de busca de emprego em articulação com empresários e ONGs locais, visando elevar a auto-estima desses jovens da periferia, conscientizando-

os de que são capazes de construir outras formas de viver com a ressignificação de suas próprias dignidades.

b) os da Pastoral da Juventude são vinculados à Igreja Católica que procura difundir e testemunhar o espírito humanista, solidário e cristão no meio dos jovens, através dos seguintes objetivos:

1. Geral:

- Formar sistematicamente adolescentes e jovens para se tornarem assessores / educadoras/es de outros atores do segmento juvenil inseridos nas comunidades eclesiais de base, propiciando uma reflexão sobre si mesmos, seu público e os temas ligados ao universo da juventude, possibilitando-os capacitação metodológica e técnica, necessária à uma intervenção e um acompanhamento mais eficaz nas realidades que atuam, à luz da ação libertadora de Jesus Cristo.

2. Específicos:

- Formar lideranças multiplicadoras de valores na perspectiva de formação integral.
- Despertar lideranças para a busca de maturidade e de integração afetiva vivenciando uma espiritualidade encarnada na realidade na qual vivem.
- Capacitar lideranças juvenis para exercícios de crítica e autocrítica, com independência e capacidade de construir sua autonomia e autoformação.

Nesse trabalho de formação, os jovens da Pastoral da Juventude atuam por meio do Projeto PJTANDO O PIAUÍ na Escola de Formação de Adolescentes e Jovens, em parceria com os Irmãos Maristas, Congregação do Santíssimo redentor, CAJU e Arquidiocese de Teresina, abrangendo sete dioceses do Estado do Piauí, em articulação com aproximadamente, 3.500 grupos de jovens, correspondendo a 4,9% da população juvenil desse Estado, na faixa etária entre 14 a 24 anos. Esses grupos atuam, ainda, com a mesma perspectiva dos dois grupos anteriores, ou seja, de acolhida dos jovens, de elevação da auto-estima de cada um dos que se aproximam ou são “trazidos” para o grupo pela amizade, visando o cultivo da espiritualidade e da convivência solidária.

Quanto às origens territoriais dos sujeitos entrevistados, 04 (quatro) nasceram em Teresina, 01 (um) em São Félix do Piauí, 01 (um) em Presidente Dutra – MA e 01 (um) em Conselheiro Lafaiete – MG. No que se refere aos motivos de virem para Teresina, dos que nasceram fora desta capital, somente 02 (dois) registraram, e estes se referiram à mudança da família em busca de melhorias, tendo um deles acrescentado o motivo de a esposa e filhos acompanharem o pai que trabalha na construção civil, em

razão de mudança de local do canteiro de obras da empresa, na qual o pai trabalha, daí a mudança do interior de Minas Gerais para Teresina.

A realidade de 03 (três) desses jovens reflete a experiência de muitas famílias nordestinas: a migração da cidade do interior rumo à capital, situação inerente à maioria das famílias nordestinas, no entanto, esta particularidade não parece dificultar as dinâmicas dos jovens, porque como afirmam Fabbrini e Melucci (2002) eles gostam de se movimentarem e de fazer aventuras, sendo esse tipo de mudança favorável à característica facilidade de adaptação aos contextos novos, próprias de muitos jovens. Mas, o que determina mesmo as suas experiências é o nível de pobreza e de falta de oportunidades de emprego.

Os grupos de amigos aos quais estão vinculados os entrevistados, integram, em geral, o próprio “movimento” no qual estão engajados (Vida “P”, M “P3”) e Pastoral da Juventude) e os grupos do colégio, no caso daqueles que estão estudando. Vale destacar dois casos: um que afirma participar de grupos variados “desde o religioso ao marginal” e outro que registrou não ter mais nenhum contato com amigos de infância. Tanto a primeira situação quanto a segunda revelam dimensões da vida dos jovens pobres, de um lado, a vivência de condições de igualdade entre eles que provoca a necessidade de agregação sem discriminar os seus pares, sendo mais importante o “estar junto”; de outro, a dinâmica da migração os distancia de suas origens e contribui para o rompimento de relações vividas na infância, talvez, por isso, sejam muito flexíveis no campo das relações interpessoais com aqueles do seu grupo.

Sendo um segmento social que age em diversas comunidades, além de, em sua maioria, realizar trabalho voluntário, os locais de encontro variam entre os espaços da residência de cada jovem, a própria rua do bairro onde moram ou visitam, o Centro Social do Parque Piauí – CSU (Vida “P”), a Estação Digital no Bairro São Pedro (M “P 3”) e a Igreja, Casas de Encontro e Centros Pastorais (Pastoral da Juventude). Isso demonstra que esses jovens “em movimento”, devido às condições que a sociedade se lhes impõe, contraditoriamente, vivem a maior parte do seu tempo, de um lado, no âmbito das relações interpessoais, nos mesmos espaços onde moram, vão muito pouco (ou de nenhum modo) ao centro da cidade e aos shoppings – espaços mais propícios aos jovens da classe média – restringindo suas relações ao limite do seu bairro e aos seus pares nos espaços próprios do “Movimento” que participam e não se efetivando com outras camadas sociais da população, mas, de outro de lado, isso não significa que fiquem parados, pois participam de encontros de jovens “em rede” e com integrantes de

outros movimentos sociais em outras cidades, facilitando assim a capacidade de adaptação de um lugar para outro, confirmando o pensamento de que Melucci (1999): os movimentos sociais são “Nômades do Presente”, mudam sempre de lugar. Mesmo assim, estão sempre se comunicando em “rede” (SCHEREM-WARREN, 1997; GOHN, 2003). Não obstante, com exceção de um dos entrevistados, que já é professor de História, casado, revelando certa maturidade pelas suas vivências de ajudar o grupo que integra (M P “3”) a estudar, os outros são muito lacônicos nas suas falas.

Quanto ao lazer, de 07 (sete) entrevistados, apenas 04 citaram dança, break, rap, DJs, rock e skate, ou seja, são as atividades próprias dos movimentos que integram. Com isso, percebe-se que os jovens da periferia têm como territórios de suas vivências a própria periferia, o próprio bairro onde moram. Vivem mesmo à margem e parecem que têm pouco contato com o centro da cidade ou shoppings, porque não têm emprego, não têm dinheiro para comprar nem andar de ônibus; a escola onde estudam situa-se, em grande parte, mais próxima de suas residências. Infere-se, portanto, que a dimensão do lazer é muito restrita. A exceção está nos jovens que integram o M P “3”, que através de projetos enviados a Instituições financiadoras de trabalhos dessa natureza, conseguem recursos e adquiriram uma kombi, uma máquina filmadora e de difusão de filmes, daí criaram o projeto “Cineperiferia”, apresentando filmes cada dia da semana num bairro diferente. É uma diversão, mas o uso de espaço territorial fica na periferia mesmo, demonstrando que a vida do jovem pobre de Teresina está, predominantemente, restrita ao seu meio. Isto, de um lado, é interessante porque pelo pode ser uma possibilidade de estarem sempre ligados às suas raízes facilitando o cultivo do princípio da solidariedade criando oportunidades para seus “manos”, mas de outro lado, o campo de conhecimento e de acesso a bens historicamente construídos pela sociedade, fica contido.

Dentre os assuntos que tratam nas suas conversas, percebe-se que os jovens entrevistados, em grande parte, conversam sobre si mesmos e suas brincadeiras, sobre o Movimento Hip Hop, sobre gangues (alvo das suas práticas no sentido de se aproximarem dos jovens em “situação de risco” para trazê-los para os “movimentos” dos quais são protagonistas). Outros assuntos citados dizem respeito à questão do trabalho para os jovens, ao movimento social e aos eventos que promovem, significando, com isso, que as suas vidas e a de outros jovens são o fio condutor de suas preocupações.

No caso dos jovens que integram as “gangues” há aqueles que indicam diferença, especificamente, porque alguns estão ligados ao tráfico de drogas, seqüestros

relâmpagos, assaltos, furtos, roubos etc. daí atuam fora da periferia. Vão ao centro, aos shoppings, por exemplo, para atacar as pessoas e, assim, para serem presos ou morrerem.

Todas essas caracterizações – idade, origens, grupo de amigos, locais de encontro dos jovens e conteúdo de suas conversas - são indicadores que apontam para um retrato do segmento juvenil investigado que, além da heterogeneidade inerente a qualquer grupo social, apontam também para o cultivo do sentimento de solidariedade entre eles, entre seus pares, como base para a construção de suas identidades. Neste sentido, pode-se corroborar com o que diz Sposito (2003), citando Melucci, quando esta trata das características dos movimentos sociais:

(...) a capacidade dos sujeitos envolvidos de se constituírem como um “nós”: trata-se da identidade coletiva. Quem somos nós? Será que existe um nós?  
(...) Melucci também afirma que os indivíduos não querem deixar de ser indivíduos nas suas lutas. Eles não querem ser dissolvidos no coletivo. As demandas de subjetividade em direção à autonomia, de realizar as próprias escolhas de decisões, de não abdicar de seus direitos, inclusive os mais elementares, mas que atingem o prazer de se estar juntos, de conviver, enfim, todos esses ingredientes são elementos indissociáveis das práticas coletivas. Se os indivíduos não crescerem juntos nas lutas, eles não estarão presentes nelas. Assim, a dimensão do coletivo e da subjetividade dos sujeitos devem estar sempre articuladas. (p. 3-5).

Nesse sentido, os jovens pesquisados, têm como marca significativa na construção de suas identidades as lutas cotidianas identificadas com as práticas culturais que desenvolvem nos campos: da arte (composição de músicas, teatro), do lazer, da qualificação profissional, da comunicação e das relações interpessoais, tanto no plano individual quanto no coletivo, visando a criação de uma nova cultura de formação de jovens, a fim de libertá-los de caminhos que possam desviá-los (ou já desviam) para a prática da violência.

### **Considerações Finais**

O conhecimento obtido nessa parte da pesquisa evidencia a necessidade de aprofundamento da compreensão do processo de construção da identidade juvenil, em Teresina, porém, já se tem uma clareza de que esse processo se dá no percurso das práticas culturais que desenvolvem (dança de rua, composição de música, atividades de formação e de comunicação, busca de emprego), sendo a mais forte o diálogo interpessoal.

## NOTAS

**1. Áreas de Teresina onde existem gangues:** 1. Bairro São Pedro, 2. Vila Nova Parnaíba, 3. Capelinha de Palha, 4. Rua Goiás, 5. Bairro Buenos Aires, 6. Bairro real Copagre, 7. Bairro Risoleta Neves, Bairro Água Mineral, 8. Vila Mocambinho, 10. Bairro Satélie, 11. Vila Bandeirante, 12. Planalto Uruguai, 13. Parque Mão Santa, 14. Vila do Arame, 15. Vila Inferninho, 16. Vila do Avião, 17. Bairro Santa Maria da CODIPI, 18. Parque Wall Ferraz, 19. Vila Apolônia, 20. Vila Paraíso, 21. Vila São José, 22. Bairro Bela Vista, 23. Bairro Lourival Parente, 24. Vila Mariana, 25. Vila São Francisco Sul, 26. Parque Damazza, 27. Bairro Angelim, 28. Bairro PROMORAR, 29. Vila Santa Cruz, 30. Bairro Dirceu Arcoverde (Itararé), 31. Vila Bagdá, 32. Vila Irmã Dulce, 33. Vila Carlos Feitosa, 34. Vila Firmino Filho, 35. Vila Molambinho, 36. Vila Afegã, 37. Vila Samaritana, 38. Vila da Paz, 39. Vila Costa Rica, 40. Bairro Areias.

**2. Movimento de Jovens em Teresina:** Hip Hop (grupos de dança femininos e masculinos, grupos de “batalha”: CBB – Companhia B. Boys, Afrocrew, Afrogueto, Tremembé, Invasores – B. Boys suspeitos, Bombecrew, Vida “P” e M “P 3”), Associações de skatistas de Teresina, Jovens da Cross, Movimento Revolucionário Zumbi (MRZ), Questac Ideológica, S.O.S. Codipi, Rede Jovens do Nordeste, Instituto Ghandi, Metaleiros, Pastoral da Juventude, outros grupos Afros (Coisa de Nêgo, Coletivo de Mulheres Esperança Garcia), gangues dentre outros, que se agregam a partir dos bairros da periferia da capital piauiense.

### Referências Bibliográficas:

ABRAMOVAY, Miriam et al. *Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília-DF: UNESCO, BID, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam e Rua, Maria das Graças (Orgs). *Violências nas Escolas*. 4ª ed. Brasília – DF: UNESCO, 2004.

BOMFI, Maria do Carmo A. et al. *Violência, Práticas Pedagógicas e Movimentos Contra-Violência em Escolas Públicas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio de Teresina*, 2004.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e movimentos hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.

DAMASCENO, M. Nobre; MATOS, Kelma S. L. de; VASCONCELOS, José G. (Orgs.). *Trajetórias de Juventude*. Fortaleza – CE: LCR, 2001.

DAYREL, Juarez. *A Música entra em Cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MATOS, Kelma S. L. de. *Pensando o Conceito de Juventude: a zona incerta*. Trabalho apresentado no XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN, 2001.

PERALVA, Angelina. *O Jovem como modelo cultural*. Orgs. Angelina Peralva e Marília P. Sposito. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, número especial, nº 5 e nº 6, 1997, p. 5-14.

SPOSITO, Maria Pontes. *Os Jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

UNESCO/BRASIL. *Políticas Públicas de/para/com Juventudes*. Brasília – DF: CNPq/IBICT/UNESCO, 2004

